

## As polêmicas do Século XIX e a poesia científica

O interesse pela formação do pensamento no Brasil, estimulado pela recente sistematização da história das idéias empreendida por J. Cruz Costa, antecedida pelos estudos de Clóvis Bevilacqua, Sílvio Romero, José Veríssimo, Tobias Barreto e, mais tarde, Leonel Franca, vem crescendo com as contribuições de Djacir Menezes, Ivan Lins, J. Camilo de Oliveira Tôrres, Gilberto Amado, José Honório Rodrigues, Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes, Sílvio Rabelo, Vamireh Chacon, a dos estudiosos da história literária nacional Álvaro Lins, Afrânio Coutinho e outros, a de Miguel Reale, Luís Washington Vita, A. Paim e diversos colaboradores da *Revista Brasileira de Filosofia*, entre muitos.

As investigações relativas à Bahia já devem a Isaías Alves substanciosos estudos do pensamento de Abílio César Borges, de João J. Barbosa d'Oliveira, de Ruy Barbosa, a Luís Viana Filho, Afonso Ruy de Souza e Luís Henrique D. Tavares o exame das idéias de líderes e participantes da Sabinada e da Revolução dos Alfiates, a Jorge Amado e Edison Carneiro a análise do pensamento político de Castro Alves, a José Calasans o rastreamento das crenças atuantes na guerra de Canu-

dos, a Machado Neto a pesquisa de idéias jurídicas e a A. Caldas Coni uma série de estudos, ainda dispersos, que revelam o papel da Bahia como introdutora do experimentalismo em medicina, do positivismo e do evolucionismo no Brasil.

Completando indicações feitas na monografia *As Ciências Sociais na Bahia*, esta nota prévia reivindica para a Bahia a prioridade do gênero literário denominado de poesia científica, atribuindo ao humanista e jurista Leovigildo Filgueiras êsse primado.

A história das idéias no Século XIX é tôda uma história de debates, de controvérsias, de polêmicas entre os adeptos dos novos métodos do conhecimento e das novas concepções das coisas e do homem, frutos da ciência nascente e do Iluminismo que marcaram a chamada Idade da Razão, e de outro lado os partidários da filosofia escolástica e das teorias espiritualistas sôbre a natureza e o ser humano.

Desde pelo menos duzentos anos as conquistas do Iluminismo se vinham fazendo e fortalecendo às custas da paixão com que as novas idéias procuravam suplantar a teologia, a metafísica, a escolástica, o *magister dixit* ... Curioso que, para vencer e ultrapassar o "obscurantismo", o dogma e as velhas certezas, houvessem as nascentes doutrinas, que tanto deviam à dúvida metódica, ao ceticismo e ao individualismo, de armar-se, em nome da tolerância e da libertação dos espíritos, de outros dogmas e outras intolerâncias.

A dúvida e o relativismo repudiavam a irracionalidade, em nome da Razão e da liberdade de pensar, com outros absolutos que não queriam suportar oposições ou transigências, tais eram os preconceitos com que se erguiam contra as interpretações metafísicas da realidade. Assim é que Augusto Comte, ainda jovem, num de seus primeiros escritos, viria a fixar o princípio de que "não há nada de bom, não há nada de mau, absolutamente falando" porquanto, concluía, "tudo é relativo, eis a única coisa absoluta".

O Iluminismo francês, por seu ateísmo radical tão diverso do *Enlightenment* inglês, pretendia emancipar os homens do dogma cristão e se propunha resolver todos os problemas humanos submetendo-os às leis racionais que o gênio de Newton, de Laplace, de Herschel formulara para explicar o mundo físico. Voltaire foi um dos que se empolgaram por Newton, e Saint Simon levou êsse culto a extremos ridículos propondo, por exemplo, que o Papado fôsse substituído por um Conselho de Newton, constituído de cientistas e industriais, adotando a lei da gravidade como ponto-de-partida para a reorientação de todos os problemas físicos e morais.

Um dos que em Portugal aderiram àquela corrente, o Pe. José Agostinho de Macedo, fazia em seus poemas a apologia das novas teorias e proclamava que antes de Deus criar Newton a natureza estava imersa em trevas (1).

Partindo dessa mística e da identificação da virtude com as doutrinas emergentes e do mal com a recusa das mesmas, num extremado maniqueísmo agnóstico, Robespierre pensou realizar o milênio por meio do terror, — a suprema forma da violência e da intolerância. Ainda depois do epílogo trágico da Revolução, a paixão pelas ciências naturais levaria Saint Simon e seus discípulos a proporem o fisicismo como religião para as classes cultas e do deísmo para as “classes ignorantes”, a ralé, — seguindo nisto ao patriarca de Ferney e dando lugar a que, meio século depois, Marx denunciasse a religião sobrenatural como ópio do povo. A história, nesse episódio, não fazia uma inovação; apenas continuava naquele dualismo. Nos albores do Renascimento o conservadorismo burguês procurava manter piedoso ao povo, enquanto a nova classe aparentava piedade para dar exemplo às classes baixas mas, no fundo, era liberal e anticlerical, ainda que não fôsse pròpriamente anti-religiosa. A secreta oposição entre essas duas religiosidades correspondia, como na homóloga civilização dos últimos dias da Antiguidade, à cisão da sociedade em duas camadas, uma douta, outra indouta, em obediência à lição de Pontano, o político e satírico, de “servir-se da superstição para guiar o povo” e manter os súditos submissos à autoridade (2).

Para os saint-simonianos, a liberdade de consciência era, paradoxalmente, um obstáculo ao estabelecimento do “sistema positivo” na esfera espiritual como na vida política, a ponto de Benjamin Constant, em nome do liberalismo, acusar àqueles de quererem suprimir tal liberdade. Na Inglaterra, entretanto, as atitudes eram um tanto diversas como evidenciam a *Letter on toleration* de Locke e as diferenças entre o *individualism* que culminaria na era vitoriana, com algo de conservador e até de religioso, e o *individualisme* francês, agnóstico, rebelde e irreverente. Na realidade o pensamento naquele período era predominantemente inglês em suas origens, ainda que francês em seu caráter, — franceses os seus arautos mais ardentes.

Lembre-se que o positivismo, rebento do saint-simonismo ou coincidente com êste em tantos aspetos a ponto de se confundirem, inspirou no Brasil, desde Júlio de Castilhos a Getúlio Vargas e talvez a adeptos mais remotos, a doutrina

e o gôsto da ditadura e do govêrno autoritário e patriarcal como instrumentos favoritos do poder, sem embargo de haver a Religião da Humanidade prestado real serviço à paz política e religiosa em nosso País, como se evidencia no episódio da separação de Igreja e Estado após a proclamação da República (3). E' certo, porém, que o longo e arbitrário govêrno Borges de Medeiros no Rio Grande do Sul foi uma expressão, adaptada às circunstâncias, daquela doutrina filosófica e política, a mesma doutrina podendo encontrar-se nas raízes do Estado Nôvo, como foram de inspiração comtista e spenceriana a ditadura de Porfírio Diaz no México e outros movimentos na América do Sul. Aquêlê ardor *quase* religioso dos iluministas adotara a discussão, inspirada na dialética de Zeno e de Sócrates, como o método de eleição para expandir o saber, a modo do que haviam feito os jesuítas na promoção da Contra-Reforma com o sistema apologético-dialético de ensino e pregação. Antes disto, o diálogo e a controvérsia na modalidade das *disputationes* acadêmicas, — as oposições dos concursos universitários do Século XIX, constituíam já na aurora das universidades a essência da investigação e da didática, com ênfase na retórica, na gramática e na dialética do *trivium* medieval, a serviço da metafísica e da teologia. A "polêmica científica", herdeira do zêlo que se escondia debaixo da superfície sofisticada da Idade da Razão, espelhava-se na invectiva de Petrarca contra os averroístas sob o título gentil de *De ignorantia sui ipsius et multorum* e mesclava antagonismos intelectuais com rivalidades de pessoas (4).

O Século XIX foi herdeiro e sistematizador dêsse método: nêle verificou-se a aglutinação de correntes de pensamento em "escolas" rivais com a multiplicação das revistas e gazetas para exposição e crítica das idéias, com a polêmica erudita, com o jornalismo doutrinário, com os cursos monográficos, com os *salons* e os serões intelectuais — os salões como centros mundanos, muitas vêzes dirigidos por mulheres cultas e freqüentados por *philosophes* que eram historiadores, economistas, literatos, cientistas, publicistas, eclesiásticos. Consagrou-se então a confrontação das idéias em debates nas sociedades de sábios que surgiram nos primeiros decênios do século em tôda a Europa, nos periódicos científicos, filosóficos, políticos e literários como o *Journal des Savants*, que já vinha de 1665, o *Mercúrio Português*, também da mesma centúria, o *Journal des Debats*, surgido exatamente em 1789, com a *Acta Eruditorum* de Leipzig, com

o *Globe*, órgão do saint-simonismo, a *Révue des Deux Mondes*, com a *Encyclopédie* e os dicionários, com a publicação dos panfletos, dos tracts, dos *Blatt (Blätter)*, das gazetas, dos boletins, dos records, dos *proceedings*, dos anais, dos *Zeitschriften*, *compte rendus*, arquivos e memórias das arcádias e academias "filosóficas"; também com o tom e o conteúdo polêmico dos discursos parlamentares, dos sermões, dos editoriais e artigos de fundo em jornais profanos que eram quase sempre órgãos de combate, de proselitismo, de doutrinação.

O mundo europeu e o mundo influenciado pelos europeus foram varridos pelo gosto da controvérsia, por um ardor missionário, por um zelo como o do Apostolado Positivista no Brasil, tanto pelo amor das idéias quanto porque as discussões em público eram um meio de firmar reputações, de alicerçar prestígios, de abrir caminho às glórias intelectuais, de vencer as batalhas políticas. Para tal efervescência muito concorria o fato, por alguns assinalado, de que a vida pública desde meados do Século XVIII era dominada por intelectuais — pensadores, filósofos, homens de letras como Holbach, Rousseau, Voltaire e tantos outros. Na França, mais precisamente em Paris, Capital espiritual do império europeu ainda em expansão cultural, política e econômica, embora já minado pelas próprias idéias que difundia e que inspiravam os surtos de nacionalismo no Continente americano — parece que todo o pensamento se expressava em debates e polêmicas. Uma destas foi a dura controvérsia entre Victor Cousin e Augusto Comte e seus sucessores: os dois pensadores procuravam, cada um a seu modo, algum novo laço de unificação espiritual que substituísse a ortodoxia e a unidade espiritual e política rompidas com a destruição do *ancien régime* e a disseminação do relativismo enciclopedista.

A *Ecole Polytechnique* e a *Ecole Normale* constituíram, na Cidade Luz, como que dois focos ou dois pólos da disputa que se travou, sobretudo de 1815 a 1870, entre o positivismo e o ecletismo de inspiração espiritualista e metafísica que Comte e Cousin encarnavam e que se traduziam em antagonismos não apenas filosóficos mas em doutrinas e partidos políticos ambiciosos de alcançarem uma nova síntese entre o absolutismo e a democracia, entre o feudalismo e o capitalismo, entre o imperialismo e os nacionalismos emergentes e insubmissos.

No Brasil, êsses antagonismos repercutiam principalmente nas duas cidades universitárias da Bahia e do Recife, a primeira antecipando-se na aceitação do positivismo em

biologia e antropologia, a segunda vindo a ser um centro de agitação de idéias mais de teor político influenciado pelo evolucionismo jurídico e pelo socialismo. Investigações de Caldas Coni sobre os fundamentos filosóficos da medicina estudada e ensinada na Bahia mostram como nesta província foi vivo e pioneiro o interesse pelo positivismo e pelo evolucionismo. Em tese de doutoramento sobre o sistema penitencial, apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, o espiritualista católico João José Barbosa d'Oliveira, que viria a ser o pai de Ruy Barbosa e que se distinguiu por trabalhos sobre educação, já em 1843 mostrava-se preocupado com a iminente introdução das doutrinas positivistas no Brasil e com a influência que pudessem ter sobre a juventude. Desde 1836 vivia no Recôncavo baiano, de volta dos estudos na Europa, onde ouvira lições de Comte, o enciclopedista Antônio Ferrão Moniz, um dos introdutores da filosofia positiva no País. Em 1844, penetrava realmente o positivismo no Brasil através a tese apresentada à mesma Faculdade por Justiniano da Silva Gomes, candidato à regência da cadeira de Fisiologia. Também o evolucionismo darwiniano penetrou no País com os estudos que publicou na Bahia, em 1866, o sábio investigador Otto Wucherer, cujo nome ficou ligado, com os de Paterson e Silva Lima, às pesquisas e descobertas experimentais em medicina tropical inauguradas por então na província (5).

Várias das polêmicas travadas na Bahia durante o Século XIX tiveram começo em provocações por novas idéias e "curiosidade do nôvo", como registou Carlos Chiacchio. E não somente a disputa erudita e acêrba de Ruy Barbosa com Carneiro Ribeiro, em tórno de questões gramaticais e divergências epistemológicas, mas outras entre vitalistas e positivistas, por exemplo, vieram a desmentir o mito e o preconceito, que se explica pela falta de estudos das idéias em nosso meio, de que "os baianos, ao contrário dos pernambucanos e dos gauchos, seriam sempre homens excessivamente macios e melífluos; exageradamente pacíficos; nada inclinados à luta ou à resistência de qualquer espécie" (6).

Precoce já fôra a influência, no Brasil, das "idéias francesas". A crônica da vida política e da vida intelectual brasileiras, tão interdependentes sempre, não deixa dúvidas sobre o papel que aquelas idéias e tendências tiveram no País desde muito cedo, trazidas por viajantes europeus, por estudantes brasileiros nas universidades européias, por frades, militares, embarcações e, muito também, pelas enciclopé-

dias, pelos dicionários, pelos tratados, livros e panfletos que enchiam as bibliotecas de conventos e seminários nascentes, de economistas, demógrafos, sacerdotes, estadistas, advogados, parlamentares e até homens do povo em Olinda e Recife, em São Paulo, no Rio, na Bahia, em São João-del-Rey, em Vila Rica, os mais antigos focos das doutrinas liberais no Brasil (7).

Idéias e doutrinas eram aquelas que vinham não somente da Inglaterra e da França, onde se elaboravam, mas de Portugal. Traziam-nas em suas mentes e em seus livros os médicos, os matemáticos, os bacharéis graduados em Leis e em Cânones pelas Universidades de Coimbra, a Coimbra pom-balina da segunda metade do Século XVIII, de Paris, de Edimburgo, de Bolonha, enquanto vinham de Montpellier, ainda na primeira metade do século passado, os princípios vitalistas aplicados à biologia e à medicina. E muitos daqueles profissionais e intelectuais fizeram-se paladinos de suas convicções como jornalistas doutrinários, parlamentares, professores, agitadores políticos, pregadores. A eclosão na Bahia de movimentos como a Revolução dos Alfaiates, a Sabinada, o motim da "carne sem osso, farinha sem caroço" revelam a difusão dessas idéias.

Miguel Lemos, o pio e ardoroso arauto do Apostolado Positivista, exagerando embora a influência do positivismo, assinalou em 1881 que a renovação de idéias se operara no Brasil, durante a maior parte do século passado, "ao ruído das polêmicas". Tobias Barreto, por exemplo, chegou a escrever um *Discurso em mangas de camisa*, disposto à luta por suas convicções sócio-políticas; a isso o dispunham, pensa Gilberto Amado, "uma certa muscularidade, uma certa bruteza, companheira da sinceridade e da força dos sentimentos" (8), qualidades que não eram somente suas e que, ao contrário, se denunciariam no estilo de pugna intelectual de outros dos nossos pensadores da época. O liberalismo político e o regalismo galicanista revelou em Saldanha Marinho um dos maiores panfletários brasileiros, aquêle que na Questão Religiosa, sob o pseudônimo de Ganganelli, tomado de Lorenzo Ganganelli que, pontífice romano sob o título de Clemente XIV, suprimiu a Companhia de Jesus em 1773, — seria o epígono do anticlericalismo militante na época, um polemista vigoroso, veemente, malicioso, pertinaz em sua prolongada campanha contra a Igreja. Poder-se-iam mencionar ainda, entre outros, que a certa altura tomaram posições idênticas ou próximas, o ático Joaquim Nabuco, depois con-

vertido em vivaz apologista do Catolicismo, Tavares Bastos, o solitário e ferino, e o voltairiano Luís Anselmo da Fonseca com suas diatribes contra o clero a propósito da escravatura.

A renovação de idéias não convergia, no Brasil, unicamente para o positivismo e para as doutrinas liberais em política: nos três decênios finais do século o pensamento metafísico-espiritualista, derivado em parte do ecletismo de Cousin, influía fortemente sôbre a inteligência brasileira, especialmente naqueles "antros da Metafísica" que eram, na objuratória de Júlio Ribeiro, as Faculdades de Direito do Recife e de São Paulo e as de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro; essas idéias adquiriram vigor nôvo com o tomismo de Soriano de Souza e a resistência, ao mesmo tempo doutrinária e política, do Episcopado ao regalismo, à Maçonaria e às tendências anticlericais e laicistas do liberalismo e da propaganda republicana.

Nas lutas verificadas no Recife a começar de 1870 entre o positivismo jurídico e o evolucionismo e, de outra banda, o espiritualismo e a metafísica, destacou-se o jovem estudante católico Filinto Bastos, da Bahia, a quem mais tarde seu colega de cátedra na Faculdade de Direito da Bahia, o radical evolucionista Almachio Diniz prestaria homenagem por seu saber jurídico excepcional como penalista e teórico do Direito (9). Nas mesmas porfias teve papel proeminente Tobias Barreto, que, aliás, se havia iniciado nas lições intelectuais pela mão dos partidários de Cousin mas que romperia com o ecletismo para aderir parcialmente ao positivismo, sucessivamente abandonaria o último e aceitaria o neokantismo sem nunca perder seus pendores monistas (10). Essas oscilações de posição eram uma concomitante do espírito polêmico, o qual obrigava a assumir atitudes tão apressadamente, não raro para mostrar atualidade com as idéias recebidas na mala postal dos navios da Europa, pressa que era agravada por um desordenado autodidatismo. A reflexão levaria muitas vêzes a corrigir o açodamento. É assim que Sílvio Romero, Ruy Barbosa, Clóvis Bevilacqua, Artur Orlando e outros ingressaram no movimento das idéias novas como discípulos de Comte e Littré mas romperam depois com o positivismo após pagarem tributo à moda intelectual de suas juventudes. Farias Brito foi um dos que, à maneira de Joaquim Nabuco, de Jackson de Figueiredo, do baiano Egas Moniz, vieram do "alemanismo" ou do eiclopedismo para o espiritualismo, como Almachio Diniz que percorre o caminho do evolucionismo filosófico, haeckeliano, para o mar-



xismo através a peripécia das polémicas e da crítica veemente do pensamento e das posições de outros (11).

Nessas lutas, as escolas de pensamento e as igrejinhas aproveitavam tôdas as oportunidades para suas agressões, seus desafios, suas críticas. Nenhum antagonismo terá sido mais violento que o de Tobias Barreto e Sílvio Romero, os cabeças das correntes então cognominadas de teuto-sergipana e galo-fluminense pela respectiva filiação ao materialismo alemão e ao ecletismo francês. Nem menos virulentas foram as controvérsias entre Sílvio Romero e José Veríssimo, o primeiro ridicularizando a êste pelo que apodava de *zeverissimações*: aquêle escrevia, bem no tom dominante, as suas *Provações e Debates*, do mesmo modo que Almachio Diniz publicaria *Meus Ódios e Meus Afetos*, vaidoso e apaixonado.

O sistema de concursos para as escolas superiores favorecia, à época, êsse caráter de disputa e exibição de saber, sobretudo de mostra de atualidade, de modernidade e afoiteza de posições intelectuais e políticas, com a "oposição", a arguição recíproca dos candidatos perante a congregação, os estudantes e o público de jornalistas, intelectuais, curiosos. A controvérsia estendia-se a êsses grupos tanto em discussões em tôrno das idéias dos candidatos como em aplausos ou apupos, como ocorreu por ocasião do tumultuado e famoso concurso para lente substituto na Faculdade de Direito do Recife em 1882, em que Tobias com sua agressividade, sua agilidade mental, sua veia satírica e o renome que havia criado por uma posição avançada nas lutas políticas e na agitação que crescia desde o término da guerra do Paraguai, triunfou sôbre três outros postulantes ao cargo. Embates como aquêles prolongavam-se em tôrno das correntes e ideologias antagônicas nos movimentos abolicionistas, nas disputas partidárias de conservadores e liberais, nos choques de católicos com maçons e agnósticos, na propaganda republicana, na Questão Militar.

Também polemistas vigorosos foram, na trincheira do catolicismo aos fins do século e a propósito de doutrinas filosóficas e de dogmas ou do papel e da posição da Igreja na sociedade nacional, Eduardo Prado, Joaquim Felício dos Santos, o Pe. Júlio Maria, Carlos de Laet. Ruy Barbosa marcou tôda sua vida intelectual, desde fins do século, pelo tom polémico de seus escritos, de seus discursos, de suas conferências sôbre política, educação, religião, linguagem, direito.

Sôbre êsse estilo de luta tiveram influência pensadores franceses como Taine, Zola e outros, tanto quanto Hac-

ckel, Noiré e vários cientistas e publicistas franceses, alemães, italianos; não influíram menos, em tal sentido, escritores portugueses, populares entre nós e sobretudo estimados pela intelectualidade, como Antero de Quental, Ramalho Ortigão, o "agitador social no Brasil" Eça de Queiroz, Teófilo Braga, bem como Oliveira Lima, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, vários dos quais, além de lidos e declamados, eram imitados em sua ironia, seu agnosticismo, suas atitudes liberais, seu gosto pela crítica e pela polêmica. Foi uma fase, aquela, também de muito gosto pela erudição e pela eloquência, as quais tendiam a alimentar a voga das controvérsias em público, cuja função social era ao mesmo tempo difundir as idéias e firmar o conceito dos estudiosos, identificando os mais atuais e os mais avançados, mas também os mais ágeis e brilhantes, embora nem sempre fôssem, êstes, os mais seguros e profundos. Daí que as polêmicas se pelejavam nas tribunas, nas cátedras, nas revistas, nos livros e sobretudo nos folhetos, nos pasquins e nos jornais acessíveis ao grande público. Eram as polêmicas algo como jôgo ou *play*, em que uns se compraziam sem maiores compromissos, exercitando sua versatilidade, outros realizavam-se dando expansão a impulsos agressivos, um tanto gratuitamente. Para muitos, todavia, tratava-se de uma espécie de virtude paulina, de uma compulsão, de um testemunho das convicções, de um serviço à sociedade e à verdade na perseguição do êrro. É interessante recordar que nos Séculos XVII e XVIII o racionalismo opunha, na Inglaterra, sua característica e metódica moderação ao fanatismo do "entusiasmo" puritano. No Continente, porém, as tendências eram inversas.

Não admira que no Século XIX os liberais e racionalistas fôssem os "entusiastas". Era o tempo, na Europa, da *Kulturkampf* herdeira da *Aufklärung*, dos movimentos socialistas, da reação católica ao modernismo filosófico e teológico com a encíclica *Quanta Cura* de Pio IX e o *Syllabus Errorum*, da vaga de nacionalismo que abalava os antigos impérios, das teorias do progresso e do evolucionismo filosofante com seu afã de liquidar a fé religiosa e o criacionismo. Diz Jackson de Figueiredo, no prefácio de sua obra sobre a alma de artista e de mestiça de Auta de Souza, que ainda no comêço do século corrente a crítica literária no Brasil, com exceção de João Ribeiro e Nestor Victor, era feita por "espíritos dominados pelos mais estreitos e rudes cientifistas". Nesse comentário ajuntava ainda em tom polêmico que

"tôda obra verdadeiramente humana, quer dizer, criação de um animal (venha lá o aplauso dos senhores haeckelistas e de tôda a illustre companhia) mas de um animal racional ...", deve ter uma fôrça interior de coordenação que caracteriza tôda obra genuinamente humana (12).

O embate de idéias e doutrinas não se fazia apenas em prosa, também em verso e poesia. No mundo de tradição greco-romana, a poesia é um dos veículos da elaboração e da comunicação do pensamento científico e da controvérsia desde pelo menos duzentos anos antes de Cristo com Ênio Quinto, a quem Ovídio atribuía "*ingenio maximus, arte rudis*", e mais tarde com Lucrécio no poema *De natura rerum*, a primeira grande peça do materialismo cienticista. Um dos biógrafos de Charles Darwin, referindo-se à rigorosa formação clássica do sistematizador do evolucionismo orgânico, na Grammar School do dr. Butler, assinala que a recitação dos mestres gregos e romanos, um dos exercícios obrigatórios para os alunos, deve ter muito ajudado o sábio futuro a conhecer as concepções dos poetas clássicos sôbre a natureza (13).

Na aurora da Idade da Ciência, além do grande Goethe, a quem Haeckel chamava "o nosso amado Goethe" e lastimava que fôsse menos conhecido e compreendido como cientista do que como poeta, ficou famoso Tennyson como Poeta da Ciência e *Poet Laureate* da Inglaterra, agraciado com êsse título pela rainha Vitória. Aliás, antes de Tennyson e sendo seu antecessor como poeta laureado, Wordsworth fazia-se conhecido por seu racionalismo sensualista e afirmava num prefácio às suas *Lyrical Ballads* que a poesia era a suprema expressão da criatividade, cabendo aos poetas transfigurar em verso o que os homens de ciência acaso fizessem de valioso (14).

Também no Brasil a poesia ao mesmo tempo inspirou-se na ciência e foi intérprete do nôvo método nas controvérsias de um século que produziu Comte, Darwin, Marx, Schleiermacher, Loisy, Pio Nono, Dupanloup, Veuillot, Leão XIII, e que viu consagrado o dogma da infalibilidade papal. As violentas discussões sôbre o dogma, firmado pelo Concílio Vaticano I, repercutiram no Brasil com a tradução do livro de Doellinger, inspirada a Ruy Barbosa por Saldanha Marinho.

A poesia baiana teve papel merecedor de reconhecimento nesse tempo de engajamento e de coragem intelectual. Um dos intérpretes espiritualistas e cristãos das origens da

vida, o grande tema do evolucionismo, e dos destinos do homem, preocupado com os enigmas de Ser e do Não-Ser, foi Pethion de Vilar (Egas Moniz Barreto de Aragão), médico e professor de Medicina, antigo enciclopedista, poeta poliglota que confessava, em fins do século, evidentemente referindo-se ao positivismo e ao monismo, que detestava "o positivo" e odiava o "terra-a-terra". No poema *Credo*, de 1893, fazia a seguinte profissão:

*Não, não pertenco à grei dos que o pavor consome;  
dos míseros ateus repugna-me a vertigem;  
tenho uma Crença de aço e nela encontro a origem  
da força que nutriu os fortes do meu nome.*

.....  
*Nunca a Dúvida e o Mêdo hão de imperar. Eu creio.*

No poema *Requiem*, do mesmo ano, explicava "o misterioso X do Meio e das Origens", "sempre abroquelado o seio / de Impavidez, de Fé ..." e em *Os galés da Dúvida*, de 1901, lastimava as sombras que envolviam "o coração de certos Prometeus / que da Ciência os pincaros galgaram", atribuindo aos incrêus o

*Suplício infindo, a que ninguém resiste:  
Não se ousa gritar: «Existe Deus!»  
Não se ousa dizer: «Deus não existe!»*

Pethion foi, ademais, poeta religioso como, ainda nesse fim do Século XIX encerrado pela I Grande Guerra, foram os baianos Amélia Rodrigues, Durval de Moraes e alguns outros. A poesia de afirmação e de combate de idéias é, naquele, uma reveladora do clima de então.

Na segunda metade do Século XIX na Bahia, como em todo o Brasil, registram-se diversas polêmicas, célebres. O mais ruidoso desses episódios foi a recusa, pela Faculdade de Medicina, de aceitar para discussão a tese, considerada ímpia, de Domingos Guedes Cabral intitulada *Funções do Cérebro*. O doutorando colocava-se na linha das teorias fisiológicas do positivismo e do evolucionismo haeckeliano, um evolucionismo mais filosófico e militante do que o darwinismo, êste sendo, à maneira vitoriana, mais científico e menos proselitista. A recusa da tese provocou um escândalo e sua publicação em 1875, por um grupo de colegas e admiradores de Guedes Cabral, desencadeou uma onda de emoção pública para a qual contribuía a polêmica em que, sôbre as teses materialistas do autor, se empenharam o vibrátil jornalista Be-

larmino Barreto e o Cônego Romualdo de Seixas Barroso. O primeiro, por sinal, distinguia-se como um polemista versátil, tomando posições na questão do poder temporal do papado a favor dos liberais italianos, discutindo problemas políticos como a questão Christie, terçando armas em torno de assuntos literários. O último, por seu turno, era um dos mais prestigiosos membros do clero, estudioso dos problemas religiosos, havendo publicado em Roma, onde estudara, documentado ensaio sob o título de *Quelques mots sur l'Eglise de Bahia (Brésil)*, em 1870.

Tobias Barreto, poeta capaz de ternuras e arroubos românticos que não se encontram em sua prosa, quase sempre áspera e irritada, dizia que na Europa daquele tempo existiam “revolucionários rimados e não rimados”, campeões em prosa e verso que pretendiam “emendar a história, escrevendo-lhe uma *errata* a ferro e fogo” (15). Não admira que assim fôsse. Homens de letras e artistas deixavam-se empolgar pelas discutidas idéias de Hegel, que uns tachavam de liberais, outros de autoritárias e antiliberais, ou se engajavam no socialismo ou se empolgavam pelo positivismo: franceses como Georges Sand, Béranger, Balzac, Victor Hugo, Eugene Sue, Berlioz, ingleses, alemães, italianos, como Carlyle, Liszt, Heine, Sívio Pelico . . . Do mesmo a Bahia teve Castro Alves com sua campanha abolicionista em poemas condoreiros inextinguíveis em veemência, a tal ponto que suas objurgatórias ao Deus dos desgraçados atingiam alturas só alcançadas por Vieira em seus sermões. Castro Alves seria um dos que no Brasil foram tocados para aquelas influências políticas e ideológicas, — poeta republicano, arauto da democracia, “vanguardeiro da burguesia revolucionária” na opinião de Jorge Amado e Edison Carneiro (16), um populista bem próximo da extrema esquerda da época sem ser ainda socialista, segundo Vamireh Chacon (17). Para Joaquim Nabuco, teria Castro Alves mostrado que “num país de escravos a missão do poeta é combater a escravidão” (18). Seu ardor abolicionista e sua atuação política o colocam entre aqueles poetas de feitio participante de que fala Cassiano Ricardo a propósito de Martins Fontes, o vate socialista que, por sua vez, dizia haver achado inspiração “nos vergéis de Augusto Comte”, que para êle era fascinante como criador de “uma religião demonstrável”, muito do gosto da Idade da Razão e da Ciência (19). Em verdade a Religião da Humanidade era uma das encarnações da nova religião, natural e agnóstica, dos sonhos do racionalismo e do criticismo bíblico da época.

Em matéria de poesia científica, isto é, de poesia tecida de temas de ciência, que chegou algumas vezes a ser poesia antes de conteúdo ideológico do que estético, ficou o pernambucano Martins Júnior não somente como um dos fundadores em língua portuguesa ao lado de Teófilo Braga (20), mas como o epígono e o teórico brasileiro daquele gênero com o ensaio *A Poesia Científica*, de 1883, e afinal vítima, para alguns críticos, do próprio gênero: suas *Visões de Hoje* constituem, para certos analistas, "uma coleção dura e intragável de maus versos" ou, quando muito, um pretensioso produto do parnasianismo caboclo (21). Ninguém poderá negar, todavia, a Martins Júnior o lugar que desde aquêlê ano assumiu, quando se confessou, jovem de vinte anos incompletos, "secário convencido e entusiasta do grande sistema filosófico arquitetado em França por Augusto Comte".

Contudo, nessa galeria a história literária, como a história das idéias, há de dar maior relêvo a Martins Fontes e sobretudo a Augusto dos Anjos. Êste, talvez mais radical e extremado, mais niilista e desesperado do que o próprio Martins Fontes que, ao escrever o poema *Prometeu*, procurou a inspiração dos "filósofos do desespêro e dos poetas da negação" (22). Augusto dos Anjos parece ter sido a culminância moral e intelectual do cientismo materialista em poesia, — uma poesia de inusitado vigor, impressionante por sua audácia, não somente cheia de "sugestões, emoções, tristezas, alegrias e lições", como crê A. Houaiss (23), mas lúgubre, macabra, negativa. Ninguém na poética brasileira terá levado a tais conseqüências do monismo evolucionista:

*No hierático areópago heterogêneo  
Das idéias, percorro como um gênio  
Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...*

*Rasgo dos mundos o velário espêsso;  
E em tudo, igual a Goethe, reconheço,  
O império da substância universal!*

Noutras obras o poeta é talvez mais rudemente materialista mas essa basta para fixar seu pensamento.

Sem negar a Martins Júnior um lugar excepcional e a Martins Fontes e Augusto dos Anjos posições de relêvo na história da poesia científica, faz-se necessário incorporar a essa história documentos que permitem atribuir ao jurista e poeta baiano Leovigildo Filgueiras a primazia no particular. Data de 1878, publicada nas páginas de *O Século*, revista científica e

confronto da metafísica com o positivismo como teorias ex-literária do Recife, uma poesia de Leovigildo em que faz o plicativas da natureza (24). O autor era estudante de Direito no Recife mas levara da Bahia, sua terra natal, as dúvidas e o agnosticismo da mocidade vivida em sua província, como se evidencia em tôda a segunda estrofe do poema:

NAO SEI...

*«Either Providence  
or laws...»*

Draper

*Não sei como harmonizar,  
Aos olhos da inteligência,  
As conquistas da ciência  
Com as fantasias da fé;  
Embora a gente que crê  
Sustente a fórmula vaga:  
— Que onde a razão naufraga  
Deve a crença começar.  
Não sei, porque habituado  
Desde môço, ao sol do estudo.  
Mesmo interrogando tudo,  
A crer só no demonstrado;  
E não podendo sequer  
Do que dizem uns é crível,  
E os outros que incognoscível,  
Uma noção conceber;*

*Por mais que me esforce então  
Para escrutar o mistério  
Das crenças, e além do etéreo  
Subir num vôo ligeiro,  
Do dogma o nevoeiro  
Perturba a vista à razão.*

*Se busco na teologia  
Uma prova, um fundamento  
Dêsse impôsto ao pensamento  
Chamado dogma de fé,  
Encontro só um argumento,  
Que os preconceitos renova,  
Deu-se o milagre — eis a prova,  
Disse Jesus — logo é!*

*Sei que a ciência também  
Tem seus mistérios profundos,  
Que não descobre êsses mundos  
Com o telescópio — a razão;  
Porque esta declara: «além*

Do cognoscível não posso  
Firmar a vista, num fôssó  
De trevas me julgo estar,  
Mas nunca me haveis de achar  
Com isso em contradicção».

No entanto, afirma a ciência  
Que a tudo presidem leis;  
E a teologia... sabeis?  
Diz que não, que é a Providência!  
Mas tem razão. Com efeito  
Não sei de que serve um Deus  
Inativo lá nos Céus  
A contemplar o que é feito.

Mas como conciliar  
A Providência com a lei?...  
.....

Não «é preciso inventar,»  
(Como disseram-me), um rei  
Onipotente, infinito  
Pra governar o universo,  
(O que produz conflito  
De idéias no sábio imerso  
Das verdades no oceano,)  
Já que o raciocínio humano  
Chegou à extrema verdade:  
Que os mundos, a humanidade,

Tudo — se move por leis!  
Confessai-me, ó crentes — sábios,  
A que mais culto deveis:  
Ao dogma ou aos astrolábios,  
A Laplace ou a Pio Nono?...  
Ó filhos da Grande Luz,  
Postai-vos, pesar da cruz,  
Da experiência no trono  
Único mar sem escolhos!

Daí podeis todos ver  
Com instrumentos, co'os olhos,  
Tudo o que é dado saber!  
E quando, ao cair das tardes,  
Alguns momentos pesardes  
Nesses mistérios do Céu  
Certo de que não podemos  
Crer no que nós não sabemos,  
Então direis como eu:

Não sei como harmonizar,  
Aos olhos da inteligência  
As conquistas da ciência  
Com as fantasias da fé;  
Embora a gente que crê  
Sustente a fórmula vaga:  
— Que onde a razão naufraga  
deve a crença começar!



A oposição que Leovigildo estabelece, com John William Draper, o famoso bioquímico norte-americano da época (1811-1882), entre a Providência e as leis da natureza e, nos seus versos, entre o demonstrado e o crível, entre provas e preconceitos, entre experiência e Revelação, entre a "extrema verdade" de que os mundos e a humanidade são por igual movidos por leis e, de outro lado, a crença em Deus; entre o dogma e os astrolábios, entre os instrumentos científicos e os olhos da fé como entre o astrônomo Laplace, que se notabilizara com sua teoria da origem dos mundos, e o Papa Pio IX, que exatamente em 1878 acabava de instituir o *Syllabus Errorum*, — evidencia inequivocamente as convicções positivistas do autor, que vinham de sua juventude na Bahia, onde professores as expunham e eram antigas as discussões entre metafísicos e espiritualistas ou ecléticos.

Leovigildo antecipou-se em cinco anos a Martins Júnior na composição do mencionado gênero como na preocupação com a teoria sobre êste, assim o revela seu artigo *A Evolução da Poesia e a Lei dos Três Estados* que possivelmente se publicou em um número da mesma revista, também em 1878, número que não se encontra nas bibliotecas mas que, tudo faz crer, circulou, pois o autor inclui êsse título na bibliografia que aparece na edição de seu poema *O Céu*, de 1882. Também é admissível que oferecesse a colaboração à revista mas que não chegasse a ser publicada porque o periódico não ultrapassou seu no. 2.

Em qualquer das hipóteses é patente e indubitável que o autor baiano tinha àquele ano a preocupação do influxo do positivismo sobre a poesia e já fazia desta um veículo de suas convicções cientistas. Ainda precedendo a Martins Júnior, de um ano ao menos, vem a publicar e editar em folheto, na Bahia, o poema *O Céu*, escrito em 1881 na cidade de Nazaré (25).

Esse poema parnasiano, precedido de uma epígrafe colhida no livro *Les Etoiles*, de 1877, um dos muitos escritos pelo publicista científico francês Guillemin (Amadeu Victor) (1826-1893), haure seus motivos mais uma vez na contemplação das belezas e dos mistérios do firmamento sob a influência dos recentes estudos de matemática e astronomia, e é dedicado ao jurista e publicista católico, baiano, Frederico Marinho de Araújo, que se fêz conhecido e popular como advogado dos escravos. Nesse poema despontam marcas das doutrinas evolucionistas de Spencer que, à data, o autor preferia à lei dos três estados e que ensinava nos seus cursos e

compêndios sobre Sociologia Jurídica e sobre História do Direito, na Faculdade de Direito da Bahia, no período entre 1891 e começos do século atual (26).

O poeta mantém seu tom de interrogação e dúvida, conserva a tranqüilidade de atitude e a serenidade da argumentação, utiliza o mesmo método lógico, ao contemplar o encanto, o esplendor, os mistérios que:

*Encerra o seio azul dêsse oceano etéreo,  
Onde a Terra, a viajar, movida pelos ventos  
Que impelem, no infinito, ao infinito os mundos,  
Flutua — imensa nau — nos vagalhões profundos  
De calor e de luz! Estranhos movimentos  
Que dão ao corpo a vida,... e à alma a crença em Deus!*

Interroga as noites estreladas, as noites sem luar, as alvoradas, "os clarões dêsse abismo insondável dos céus", o azul das vagas majestosas, o sol, a plácida alegria das núvens e conclama os poetas:

*Poetas, contemplai, à noite, a erupção,  
Na profundidade azul, dos astros cambiantes,  
Estas lavas de luz, que correm destumbrantes  
Das bocas do Infinito — o esplêndido vulcão!*

*Contemplar, descobrir um mundo em cada coisa,  
Eis a vossa missão! O Universo é um poema!  
Lede-o,... e nos resolvi num cântico o problema  
Do Céu, porque do Belo é a Ciência a espôsa!*

O autor atribui à poesia aquele papel de intérprete e de transfiguradora dos achados da ciência que Wordsworth já lhe havia adscrito, e passa a explicar os mistérios do firmamento segundo o pan-evolucionismo de Haeckel e Spencer:

*Sim! Não é mais o Céu o estereoma de outrora,  
O zimbório de azul enfeitado de estrélas,  
Onde o Eterno acendia, à noite, tôdas elas,  
Extinguindo-as, depois, ao des'brochar da aurora!*

*Já não é mais também a empírica visão,  
Onde, através de um veio feito de nebulosas,  
Transluzia o fulgor das regiões misteriosas  
De Deus, como um bolido eterno em explosão!*

*Não! Esse globo azul, esse fluido radiante,  
Esse abismo sem treva, infinito e sem fundo,  
É para cada estréla o que é pra o nosso mundo!  
É o laboratório eterno e destumbrante*

*Do Universo. É aí que um Sábio onipotente  
Transforma a imensidade etérea, transparente,  
Nessas nuvens sutis de massas gazeiformes,  
Que se vão condensar na antera do Infinito.*

*Como um pólen de luz! — Protoplasma bendito,  
De que formam-se, além, as células enormes  
Dos tecidos do Céu, isto é, dos organismos  
Das raças siderais, — cometas, sóis e mundos!*

Mas o homem, verifica o autor, continua a perquirir os "insondáveis abismos" da natureza, tentando decifrar a voz misteriosa das ventanias, possíveis "teléfonos ideais" das harmonias do Infinito. Dessas dúvidas, que ainda têm muito de uma hierofania, do simbolismo de um cosmos ainda sagrado na mente do poeta (24). Leovigildo faz um sumário:

*Esses raios, que vêm lá da infinita altura,  
São raios de um crepúsc'lo ou raios de uma aurora?  
São reflexos de um mundo onde eu vivi outrora,  
Ou são alguns clarões dessa pátria futura.*

*Onde hei de ainda viver? O que é esta saudade,  
O que é esta esperança, o que é este desejo,  
Que me fazeis sentir tôda vez que eu vos vejo?  
Serão provas talvez da minha eternidade?*

Perpassa outras explicações, outras hipóteses que o surto da ciência havia despertado desde Galileu, Newton, Laplace:

*Os astros, que embalais no vosso seio, são  
Povoados também de seres como a Terra?*

.....

*O que é que sois, ó Céu? Sois da minh'alma o berço?  
Sois o livro da fé dos povos do Universo,  
A Bíblia imensa azul escrita em letras de ouro?*

Levanta, ainda uma vez, os problemas da fé, "procelas do oceano da vida!", que atormentam o espírito humano a ponto de lançá-lo "no horrível sorvedouro da dúvida, isto é, do nada da existência!", e logo contesta com cetismo:

*A dúvida!  
Eu bem sei que a dúvida é melhor,  
As vezes que a Verdade! ....*

Desenvolve, então, uma verdadeira metafísica da dúvida para justificar a última como um compromisso da razão com a crença e ainda como um caminho para a fé, concluindo, segundo a teoria biológica da psicologia positiva,

que tudo se reduz a fenômenos de consciência — a consciência como uma projeção panteísta de um incognoscível Senhor eterno e onipotente.

Mesmo o pensamento do bem, do justo, da verdade, do belo, do dever, do ideal, da eternidade, de tôdas as mais altas aspirações parecem-lhe apenas fenômenos de consciência e manifestações de que tudo existe em Deus e de que Deus existe em tudo. Nisto, como noutras de suas expressões e em todo seu simbolismo, surpreende-se um misticismo idealista e um panteísmo racionalista possivelmente haurido em Hegel e noutros filósofos idealistas alemães, o mesmo idealismo que a tantos outros empolgava na época:

*A aparência é o real; o ser é a substância...*

Encerra-se o poema com um desafio aos que crêem, talvez àqueles como Frederico Marinho de Araújo e outros intelectuais católicos que confessavam uma fé sobrenatural e admitiam uma explicação metafísica e teológica para as origens da natureza e para os destinos humanos, sobretudo uma inteligência não apenas científica do "céu" cósmico.

Leovigildo Filgueiras inaugurava a poesia científica no país e destacava-se numa das correntes filosóficas que, desde a primeira metade do século, disputavam na Bahia com espiritualistas, ecléticos e metafísicos, êstes representados por João José Barbosa d'Oliveira, mais tarde por Filinto Bastos, precursor do estudo comparativo das escolas penais, por Pedro Vergne, Ferreira França, Ciridião Durval, aquêles por Justiniano da Silva Gomes, Antônio Ferrão Moniz, Domingos Guedes Cabral, ulteriormente pelo próprio Leovigildo, por Firmino de Castro, Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida, Aurelino Leal, Virgílio de Lemos, ainda mais recentemente por Edgard Sanches.

Seu poema escatológico, Leovigildo o encerra dirigindo-se à Terra com a esperança de que ao morrer voltaria mais cedo e talvez melhor que aquela "*ao pôrto do Infinito*" com sua fé idealista, flor da consciência "*que é a própria alma, não passando a Razão de um modo de existência orgânica do mundo ...*":

*Mais cedo do que tu ao pôrto do Infinito!  
De chegar, transpassando a imensidade calma,  
Abraçado com a fé — o salva-vidas da alma  
Mais cedo do que tu ao pôrto do Infinito!*

Numa nota prévia como esta, em que apenas se pretende propor uma prioridade para a Bahia, não cabe aprofundar o exame das convicções do autor do poema. Basta chamar atenção, como já se fêz, para o caráter materialista e cienticista, ainda que para-religioso ou mesmo pseudo-religioso de suas idéias, para a tortura da dúvida e para a inequívoca posição que adota ante o mistério das coisas e os destinos humanos, em concordância com a postura doutrinária que revela em sua obra jurídica (28).

Aquêle seu entusiasmo cósmico, espécie de disposição de quem contempla o mundo cheio da presença divina, é bem a atitude que, distendendo-se de Platão a Goethe, marca o evolucionismo materialista da segunda metade do século XIX (29).

THALES DE AZEVEDO

*N.do A.* — Da revista *O Século*, do Recife, existem apenas o n.º 1, de 1 de junho de 1878, e o n.º 2, de 1 de julho do mesmo ano, na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, no Recife, exatamente como registra Alfredo de Carvalho nos seus *Anais*, p. 393. Essa verificação foi feita a meu pedido, sob a orientação do Prof. Jordão Emerenciano, por Laura Ottaki em dezembro de 1966. A pesquisadora indica o n.º 2 como último da breve série.

Pesquisas realizadas, igualmente a meu pedido direto ou por intermédio do Serviço de Informação Bibliográfica da Universidade Federal da Bahia, indicam que a revista não se encontra na Biblioteca Pública da Bahia, na B. Municipal de São Paulo, na B. (Almeida Prado) do Instituto de Estudos Brasileiros da U. de São Paulo, na B. Nacional do Rio de Janeiro e na B. do Congresso, em Washington, nas bibliotecas das Faculdades de Medicina e de Direito da Bahia atualmente integrantes da U. Federal da Bahia, nem da Ordem dos Advogados da Bahia (Forum Ruy Barbosa).

- 1 Antônio José Saraiva *História da Literatura Portuguesa*. Coleção Saber, Publicações Europa-América, 8.<sup>a</sup> ed., p. 109.
- 2 Alfred von Martin, *Sociologia del Renacimiento*. Colección Popular, Fondo de Cultura Económica. Mexico-B. Aires, 3.<sup>a</sup> ed. en español, 1966, p. 129.
- 3 Thales de Azevedo, «Brasil» in «Church and State in Latin América». New Catholic Encyclopedia, Vol. III, McGraw-Hill Book Co., N. York 1967, p. 741.
- 4 Gerald R. Cragg, *The Church and the Age of Reason, 1648-1780*. Penguin Books, Harmondsworth Middlesex 1966, p. 57.
- 5 Antônio Caldas Coni, «Um médico luso-brasileiro, Dr. José Francisco da Silva Lima», Comunicação ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Salvador, Bahia 1959 (inédito); «O positivismo na Bahia». *A Tarde*, Salvador, Bahia 28. VIII. 1965 —; «Carta da Bahia», *Cadernos Brasileiros*, N.º 30 julho-ago. 1965, Rio; —, «Otto Wucherer e a Introdução do Darwinismo no Brasil», *A Tarde*, Salvador, Bahia 20. VIII. 1966.
- 6 Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso*, Livr. J. Olympio Edit., Rio 1959, 1.º Tomo, LXXXIII.
- 7 J. Cruz Costa, *Contribuição à História das Idéias no Brasil. O Desenvolvimento da Filosofia no Brasil e a Evolução Histórica Nacional*. Livr. J. Olympio Edit., Rio 1956, Passim; E. Bradford Burns, «The Enlightenment in Two Colonial Brazilian Libraires», *Journal of the History of Ideas*, July-Sept. 1964, Vol. XXV, N.º 3, N. York; Silvio G. Diniz, «Um Livreiro em Vila Rica no Meado do Século XVIII», *Kriterion*, 47-48, jan-jun. 1959, Vol. XII, B. Horizonte; Luis Viana Filho, «Os Livros de Sabino Vieira» in *A Sabinada (A República Bahiana de 1837)*, Livr. J. Olympio Edit., Rio 1938.
- 8 Gilberto Amado, *Tobias Barreto*. Ariel Edit. Ltda., Rio 1934, p. 29.
- 9 Almachio Diniz, *O Ensino do Direito na Bahia*. Edit. Alba, Rio 1928, p. 33; Fernando Alves, *A justiça através de um juiz*. S.A. Artes Gráficas, Bahia 1956.
- 10 P. Mercadante e A. Paim, «Os Estudos de Filosofia de Tobias Barreto», *Revista Brasileira de Filosofia*, Vol. XV, Fasc. 59, São Paulo 1965.
- 11 J. Cruz Costa. op. cit., p. 320; Vamireh Chacon, «A Sociologia e o Germanismo segundo Tobias Barreto e Silvio Romero», *Doxa*, a V, N.º 8, Nov. 1959, Recife; Djacir Menezes contesta que Farias Brito haja sido positivista, cfr. *Evolucionismo e Positivismo na crítica de Farias Brito*, Imprensa Universidade do Ceará, 1962. Uma sùmula das linhas de orientação e das mudanças de posição dos filósofos brasileiros encontra-se em «Os Nossos Filósofos», cap. do livro *Ensaio de Lógica* (Aracaju, 1907) de Prado Sampaio, reproduzido na *Rev. Bras. Filosofia*, Vol. XVII, Fasc. 57, São Paulo 1967.
- 12 Jackson de Figueiredo, *Auta de Souza*, Tip. Anuário do Brasil, Rio 1927.
- 13 Gertrud Himmelfarb, *Darwin and the Darwinian Revolution*, Chatto & Windus, London 1959, p. 20.
- 14 Ernesto Haeckel, *História da Criação*, trad. de E. Pimenta, Pôrto 1911, p. 63; Walter Cannon, «The Normative Role of Science in Early Victorian Thought», *Journal of the History of Ideas*, Oct.-Dec. 1964, Vol. XXV, N.º 4, p. 490.
- 25 Leovigildo Filgueiras, *O ceo (Poesia)*, Bahia, Imprensa do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio 1962, p. 150

- 16 Jorge Amado, *ABC de Castro Alves, Biografia*, Livr. Martins Edit. São Paulo 1941; Edison Carneiro, *Castro Alves (1847-71), Uma Interpretação Política*, 2.<sup>a</sup> ed., Andes, Rio 1958.
- 17 Vamireh Chacon, *História das Idéias Socialistas no Brasil*, Ed. Civilização Brasileira, Rio 1965, p. 75.
- 18 Ibidem, p. 280. Quanto a Pethion de Vilar ver *Poesias Escolhidas*, Lisboa 1928.
- 19 Martins Fontes, *Sol das Almas*, Rio 1936, p. 156.
- 20 João Paraguassu, «Poesia científica», *Correio da Manhã*, Rio 9. IX. 1965; M. Paulo Filho, «Poesia e Positivismo», *A Tarde*, Salvador, Bahia 26. X. 1965; Waldemar de Oliveira, *Martins Júnior e Laiete Ramos*, Recife 1936.
- 21 Paraguassu, op. cit; Almachio Diniz, *Meus Odios e Meus Afetos*, Monteiro Lobato & Cia. Edit., São Paulo 1922, p. 265.
- 22 Martins Fontes, *Verão*, B. Barros & Cia. Edit., Santos 1927, p. 21.
- 23 Antônio Houaiss, *Augusto dos Anjos, Poesia*, Livr. Agir Edit., Rio 1960, p. 10.
- 24 Ano I, julho 1878, N.º 2, Recife: vide Alfredo de Carvalho, *Anais da Imprensa Pernambucana de 1821-1908, Dados Históricos e Bibliográficos colecionados por —*, Recife, Tip. do «*Jornal do Recife*», Rua 15 de Novembro 47, 1908, p. 393.
- 25 Leovigildo Filgueiras, *O Ceo (Poesia)*, Bahia, Imprensa Economica, 16-Rua Nova das Princezas-16, 1822.
- 26 Thales de Azevedo, *As Ciências Sociais na Bahia. Notas para sua História*, Universidade da Bahia, Instituto de Ciências Sociais. Salvador, Bahia 1964, p. 44.
- 27 Mircea Eliade, *Le Sacré et le Profane*, NRF, Gallimard, Paris 1965: o vocábulo *hierofania* exprime manifestação do sacral.
- 28 Thales de Azevedo, op. cit., p. 50
- 29 H. Uhrs Von Balthasar, *Dieu et l'Homme d'Aujourd'hui*, Trad. de l'allemand par Robert Givord. 13e, mille, Desclée de Brouwer, 1966, p. 43.